

DANÇAS CAMPANIÇAS

J. F. Colaço Guerreiro (21-11-2005)

Os novos nem sonham e os mais velhos só lembram que aqui, na terra da quietude, as gentes bailavam. A toque de viola, flauta, concertina ou movidos simplesmente pelo cante, os pares marcavam os ritmos do fascínio e da paixão, em danças que se repetiam noite fora. Bailes cantados, exercícios vocais e poéticos que aliavam a melodia e a rima ao toque carnal tão desejado. Namoros que se faziam e se desmanchavam à custa de uma cantiga, por mor de uma resposta. Vinha também à tona a malandrice de alguns, misturada às vezes com o arrojo que aos forasteiros não era permitido:

Um copinho, dois copinhos,
Tres copanos de aguardente
As moças desta terra
Fazem andar um homem quente

Para atalhar, logo no flagrante, algum pai, mano ou namorado incomodado, também cantando e rimando respondeu:

Um copinho, dois copinhos,
Três copinhos de licor
Levas com um banco nos cornos
Passa-te logo o calor.

Nas casas dos montes, para a vizinhança, ou nos celeiros das aldeias para adjuntos maiores, dançava-se sempre, dançava-se muito, ao uso da moda. Bailes de roda, bailes encadeados, baile dos arquinhos, todos eram tradição arreigada entre as gentes campaniças que faziam destas práticas o modo primeiro da sua distração. Quem cantar sabia, tinha primazia, porque fazia figura nesses balhos onde a voz e a poesia eram a mola real do evento. Dum lado os homens, doutra banda as mulheres, com as mães atentas. Nas paredes penduravam-se as candeias e mais tarde os candeeiros para alumiar. Tal dia, às tantas, há baile às tensas de qualquer coisa e fulano já ofereceu o petróleo, anunciava-se de boca em boca.

Dada a ordem para a dança, uns fitando nelas, outros de cabeça baixa, avançavam para as

escolhidas perguntando: Vamos abatê-las? E quase sempre respondiam: Abatê-las vamos! Lá davam as mãos. Lá se agarravam. Toques que valiam por mil sonhos.

De inverno os homens dançavam de capote vestido e cajado pendurado no braço, preparados para as cenas piores que podiam derivar do ciúme ou de alguma alarvidade. Uns tinham sorte, outros, como agora, calhava-lhes sempre a mais feia para a dança. Noites à fio, depois dos trabalhos, retemperavam-se forças à custa do viço. Voltas e mais voltas, no chão de terra batida, no verão juncado de mantrastos e junça que mesmo assim, não evitavam o pó que se levantava fininho e ao misturar-se com a fuligem das iluminarias, ia colar-se nos rostos suados dos dançarinos.

Cantiga atrás de cantiga, desafios de namoros e invejas, trocas de razões sempre rimadas, voltas e passos marcados, eram os ingredientes de saborosas noites dançantes. Mas agora, nesta terra só se canta a moda, pensa-se que nunca foi doutro jeito, não há memória de outros cantares e danças, por aqui, ninguém se lembra delas. O resto do país, folclorizou e guardou parte da sua tradição. Nós, vimos tudo reduzido ao cante interpretado pelos grupos formais. O resto apagou-se, por culpa nossa e da política estranguladora do SNI. Valha-nos agora a memória e a vontade de quantos não se acomodam nem conformam com este cenário de desolação cultural e vão experimentando, em vários lugares, o reinventar das danças e de outras práticas da tradição.